

FAMILIAR E RESIDENCIAL: Uma Dupla Indissociável

Isabelle Bertaux-Wiame¹
Trad: Odilamar Lopes Mioto

RESUMO

A moradia não é um bem de consumo como os outros e os laços afetivos e de identidade que um lugar habitado pode produzir, as significações que lhe são atribuídas extravasam seu quadro puramente físico e seu valor comercial. Principalmente a percepção que a família tem do "ambiente doméstico", confrontado ao problema da moradia e de suas possibilidades residenciais, é profundamente marcada pelo modo como as gerações familiares precedentes são confrontadas com esta questão, como são aportadas as soluções e como são transmitidas suas experiências. A partir de algumas biografias individuais e familiares centradas sobre a questão residencial, este artigo mostra como o espaço residencial familiar é um elemento da construção social dos indivíduos e, como estas experiências familiares residenciais fundamentaram estratégias constitutivas dos laços de família.

PALAVRAS CHAVE: EDUCAÇÃO E HABITAÇÃO – ESTRATÉGIAS FAMILIARES E HABITAÇÃO – RELAÇÕES SOCIAIS E HABITAÇÃO

ABSTRACT

RESIDENTIAL FAMILY: AN INSEPARABLE COMBINATION

Housing is definitely not an asset like any other asset. The loving bonds and identity ties fostered by an inhabited place and the meanings attributed to it transcend its mere physical frame and commercial value. The way the family perceives the "domestic space", confronted with the problem of housing and residential possibilities, is strongly influenced by the way previous generations in the family faced that issue and the way solutions were provided and experience transmitted. Drawing on individuals' and families' biographies focusing on the housing issue, this paper shows how the residential family space is an element within an individual's social construction and how these residential family experiences were instrumental in the development of strategies for creating family ties.

KEYWORDS: HOUSING AND EDUCATION – FAMILY STRATEGIES AND HOUSING – SOCIAL RELATIONSHIPS AND HOUSING

¹ CNRS – Travail e mobilités
Universidade de Paris X – Nanterre

"Eu conto ..., diz uma garota loira abrindo suas grandes mãos; eu tenho a casa Papyous, a casa Memé, a casa Mamita, a casa Yaya, a casa Papy, a casa Manou, a outra casa Papy ..." Ela agita suas mãos e acrescenta: "a casa do papai com sua companheira e Allan que é menor do que eu, a casa da mamãe com seu companheiro e em breve um pequeno irmão ou irmã" e ela conclui: "eu tenho sorte. Eu tenho todas estas como casas"

Assim Alma, quatro anos, narra sua genealogia.

Nas narrações de vida, a cronologia das mudanças de residência é, muitas vezes, adotada como trama narrativa: os diferentes lugares são os suportes de memória eficazes. Não é somente na boca de uma criança confrontada à um universo familiar complexo que se confundem a história familiar e residencial: o elo entre a família e residência é construído socialmente pelos múltiplos agentes e em diferentes níveis. A coletânea de dados estatísticos sobre as famílias se apoiam geralmente sobre o "ambiente doméstico" - um grupo de pessoas, uma ou várias, vivendo sob o mesmo teto - e então sob a moradia que ocupam. Por outro lado, políticas familiares e políticas de moradia se entrelaçam: as famílias tem que morar, as moradias tem proprietários ou locatários. Portanto, a análise dos comportamentos é ainda muitas vezes limitado ao quadro de transações de ordem econômica e subordinadas às análises dos fluxos de oferta e procura.²

Ora, a moradia não é um bem de consumo como os outros, mas uma mercadoria "impossível"³. A ligação afetivo e identitário que pode produzir

² A questão da influência do quadro urbano sobre os comportamentos demográficos das populações se dobra desde os anos 180 a dos comportamentos demográficos e a mobilidade geográfica das promoções sobre o modelamento dos bairros e cidades (Bonvalet, 1994). As pesquisas se desenvolveram em torno das questões de itinerários residenciais e das relações entre a evolução dos modos de vida e o habitat (Bonvalet-Merlin, 1988). Comparativamente aos países anglo-saxônicos, a mobilidade residencial dos franceses se revelou elevada (Bonvalet-Lelièvre, 1989). Devemos relatar esta sedentariedade relativa à difusão massiva da propriedade de ocupação durante estes cinquenta últimos anos? Portanto, a razão de 54,3% da França conta menos de proprietários de sua residência principal que os países anglo-saxônicos ou latinos (Taffin, 1987:1991). Isto se constata insuficiente entretanto considera-se a extrema pregnancia ideológica da propriedade e dos significados sociais e simbólicos que af se ligam (por exemplo sobre os ascendentes da primeira geração, Maison, 1994). Os trabalhos comprometidos mais recentes sobre as questões residenciais à partir de relações diversificadas se prendem às considerações das representações em matéria de habitação e de espaço e práticas, as famílias tornando-se os atores íntegros da estruturação do mercado de moradia (Bonvalet-Fribourg, 1990).

³ Para retomar o termo de Christian Topalov(1978). O autor analisa a emergência da propriedade rentável especificamente capitalista e a passagem desta forma de propriedade urbana para uma mais recente da propriedade de ocupação. Se bem que o estudo das práticas dos autores implicados em tal processo só seja indiretamente abordado, vimos bem como podem se desembaraçar as estratégias para as famílias conscientes ou não, visando atingir um estatuto socialmente valorizado em relação ao qual

um lugar habitado, as significações que lhe são atribuídas, transbordam seu quadro puramente físico e seu valor comercial⁴.

Assim mesmo, o uso da noção de "lar, moradia" acabou por reduzir freqüente e implicitamente a de "família" à unidade pais/filhos não adultos. Ora, se esta é a primeira referência das mobilizações intensas onde sua moradia é o objeto, um círculo mais amplo de parentesco é freqüentemente associado de fato⁵. Para estudar a relação família-residência, podemos então reduzir a família à moradia e não considerar o contexto familiar ampliado; não podemos também nos limitar à moradia principal, cortado de uma realidade residencial mais global da família. Se o tipo de habitat, o estatuto da ocupação, o tipo de ambiente são então elementos essenciais de qualificação de uma moradia, a moradia propriamente dita não é a parte mais aparente do que forma o sistema em uma posição residencial. A moradia principal não é sempre o único espaço habitado. As residências secundárias tornam - se, às vezes, os lugares principais da constituição da identidade familiar, enquanto que a moradia principal só representa um papel secundário.

O valor comercial da moradia marca sem dúvida os limites do que é acessível economicamente às famílias⁶. Mas são somente os riscos econômicos que podem satisfazer e explicar a diversidade dos comportamentos residenciais e menos ainda a diversidade dos itinerários residenciais de famílias de renda comparáveis. E não podemos ver a escolha

"os locatários estão inscritos em um espaço senão negativo, ao menos qualificado de purgatório, esperando a propriedade" (Bonvalet-Gotman, (dir), 1993).

⁴ O caráter complexo e singular do bem imobiliário se refere mais particularmente quando das sucessões, que concernem na França, cada vez mais, aos desempregados. Longe de pertencer ao passado, a questão da transmissão de um patrimônio, mais freqüentemente sob a forma de uma moradia, é mais do que nunca atual (Laferrère, 1990). O bem que herdamos é dotado de um valor afetivo e simbólico muito forte e não pode ser assimilado à um bem adquirido no decorrer de sua existência (Gotman, 1988, 1991). A vontade de transmitir sublede as estratégias residenciais das famílias e reforçam as disposições à desejar tornar-se proprietários. A moradia é então uma forma particularmente expressiva das relações intergeracionais. Na qualidade de patrimônio, ela pode também constituir uma resposta à uma angústia existencial (Capdeville, 1986).

⁵ A família ampliada intervém de diferentes modos: ajudas financeiras (Déchaux, 1990), jogo da "caução" no parque locativo privado (Grafmeyer, 1990), bons conhecimentos das maneiras de acesso a um parque social (Anselme, 1988). A moradia é um dos setores onde as solidariedades familiares se exprimem de maneira privilegiada. Os recursos à auto-construção não poderiam se fazer na ausência total de ajudas, regulares ou pontuais, de membros da família (Cutarello, 1987). É também neste setor que as ajudas familiares são melhores aceitas e mais explícitas (Bonvalet, 1991; Bonvalet, Maison, Le Bras e Charles, 1993).

⁶ Ver sobre estas questões principalmente nos trabalhos de Yves Grafmeyer em Lyon (1991) e os de Michel Pincon e Monique Pincon-Charlot sobre a panificadora (1989).

de uma moradia como o resultado de um simples cálculo econômico e de um pensamento puramente racional.

Em seus comportamentos e seus itinerários residenciais, as famílias engajam as representações sociais e simbólicas hierarquizadas que elas tiveram do espaço residencial. As representações são também devedoras as que circulam no seio da família ampliadas como disposições residenciais, transmissão de bens, tradições e uso das formas de habitat como uma estimativa presente no mercado imobiliário.

Certo, em nível macro-social, as políticas urbanas e a dinâmica do mercado imobiliário determinam as condições de acesso às moradias e a apreciação desta que é uma "boa" moradia. A representação da característica desejável de ascensão à propriedade pode também mudar com o contexto econômico ou os modos de vida e ocasionar um reforço das ligações intergeracionais para ajudar as jovens gerações a se ajustar às novas condições de acesso à moradia e atenuar assim suas eventuais dificuldades⁷. A família torna-se então um fator de regulação dos efeitos das condições sociais em troca: jovem ou não, a família conjugal não está sempre isolada face às flutuações do mercado imobiliário. Sua percepção do campo de possibilidades residenciais - e das impossibilidades - é profundamente marcada pelo modo como as gerações familiares precedentes se comportaram na situação em questão, lhes trouxeram soluções, transmitindo suas experiências⁸.

As construções mutuárias das posições residenciais pelas famílias e as posições familiares pelo residencial só pode ser percebido em um longo termo, através das relações entre as gerações e suas residências. As relações longitudinais centradas nas biografias individuais e familiares situadas em seu contexto relacional permitem, abordando os processos na sua duração, inscrever um casal em sua história e na rede de seus parentes, de

⁷ Contrariamente o que poderíamos supor, os recursos ao crédito bancário não relega a família ao segundo plano: este intervém freqüentemente como garantia sobre a relação ao crédito das famílias, ver Dominique Maison (1993).

⁸ Tal é a problemática trabalhada pelo escritório SRAI (Status Residenciais, Aproximações Intergeneracionais). Este texto deve naturalmente muito à minha participação neste grupo de trabalho composto por Catherine Bonvalet (INED - Instituto Nacional de Estudos Demográficos), Paul Cuturello (CNRS - Centro Nacional de Pesquisa Científica), Anne Gotman (CNRS), Yves Grafmeyer (Universidade de Lyon II), Dominique Maison (Universidade de Paris - X) e Paul - André Rosental (CNRS). Uma primeira publicação reunindo nossas contribuições a aparecer sob o título "*Le logement, une affaire de famille*", L'Harmattan (1993).

recompor as linhas de gerações e de analisar os efeitos do tempo e das transmissões.⁹

ESPAÇO RESIDENCIAL FAMILIAR E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DOS INDIVÍDUOS

A pequena criança loira localiza seu parentesco através dos lugares, as casas que ela visita. Ela faz o aprendizado de micro-climas singulares, de práticas, de trocas, de relações. Se ela pernoita em alguma residência, ela aí se integra. O fato de ligar estreitamente seu parentesco às casas habitadas leva aos modos de vida que sugerem mais que as modalidades singulares de recomposição de sua família¹⁰.

Estas marcas físicas não são somente os auxílio-memória para a localização do parentesco, fosse ela complexa. Estas são também tanto dos espaços de apropriação nas quais a criança pode se inscrever subjetivamente

⁹ No quadro do escritório SRAI, o grupo de trabalho está atualmente engajado em uma pesquisa sobre as diferentes dimensões, em particular familiares, do residencial, articulado sobre a enquete "*Próximos e Pais*", realizado na PINED por Catherine Bonvalet (INED), Dominique Maison (Universidade de Paris - X), Hervé Le Bras (INED) e Lionel Charles (FRACTAL). Para uma apresentação dos primeiros resultados daquela enquete: "*Próximos e Pais*", População, nº 1, 1993, pp. 83-110. A parte qualitativa, atualmente em processo, esta pesquisa se apoia na análise de uma centena de entrevistas biográficas recolhidas junto a pessoas que já responderam ao questionário INED.

¹⁰ Se hoje, o contexto familiar tende por muitas crianças se complexificar pelo jogo das dissociações e das recomposições familiares, os fatos de "território" do parentesco poderiam se intensificar, por compensação, como elementos da estabilidade face à instabilidade dos laços conjugais. Entretanto, a "mobilidade" conjugal é cada vez mais abordada, nos seus efeitos sobre o ambiente familiar, e pouco ainda nos seus efeitos sobre a moradia (Lefaucheur, 1987). Os riscos residenciais que implicam nas separações conjugais, principalmente em matéria de localização são pouco estudadas. Ver sobre estas questões principalmente nos trabalhos de Patrick Festy (1990) e nos da equipe de Lyon, Françoise Bloch, Monique Buisson e Jean Claude Mermet (1990; 1992). Raros igualmente são os trabalhos que abordam explicitamente o efeito das separações conjugais sobre o espaço de vida dos adultos e das crianças (Le Gall - Martin, 1991)

Por outro lado, constatamos que a separação raramente modifica as relações de cada um dos cônjuges com sua família de origem. Se os efeitos são constatados, vai antes de mais nada, no sentido de um estreitamento das ligações de filiação. Nesta ocasião, as solidariedades podem se manifestar sobretudo quando não há a substituição imediata do companheiro. Nestes momentos de crise, o auxílio mútuo familiar é um precioso recurso (Villeneuve-Gokalp, 1994). A título de hipótese, enunciamos que a fragilização do vínculo familiar poderia conduzir à um reforço das ligações avós-netos construídos com mais autonomia pela geração intermediária. As recomposições familiares hoje suscitam numerosos trabalhos tanto quanto de novas interrogações abrindo as pistas de pesquisa.

no lugar que lhe é designado neste parentesco ou lutar contra esta designação.

Assim, Annie Ernaux, na sua romântica autobiografia, *Les Armoires vides*, mostra a inversão do sentido tomado em sua vida e seu itinerário social pela sala de café que tinham seus pais e seu lugar na cidade. Criança ela aí se diverte, mantendo as relações "naturais" com os clientes que são, em sua maioria, freqüentadores. Ela é filha da proprietária. Pela mistura da vida familiar e vida profissional, pelas relações com a vizinhança, o lugar simboliza toda a sua vida. Mas, desde que ela toma consciência das relações de classe e quer "progredir", o lugar que ocupa o comércio de seus pais, a sala de café, transforma-se no símbolo de tudo que ela quer evitar. O café que desde então era percebido como o centro do mundo, se opõe à outros lugares de referência, principalmente o colégio. Pela mudança social que faz ou que quer fazer o autor, tudo muda de sentido: o lugar de sua mãe, de seus pais, dos clientes, do lugar, do bairro. Uma fronteira é erguida entre este e o resto da cidade, onde ela só quer ir sozinha.

A moradia é antes o lugar onde os futuros adultos se produzem socialmente, afetiva e culturalmente. A criança faz sua aprendizagem do mundo através das condições nas quais vive sua família e através do modo que ela vive suas condições.

Testemunha das experiências familiares, a moradia é também uma condição necessária para viver em família. As práticas familiares tem necessidades deste quadro material para aí inscrever seus traços, senão as relações familiares se esgotam, os laços se diluem. Os estudos feitos sobre os "pontos de encontro" permitindo aos pais separados ver seus filhos em lugares conviviais mostram como a ausência de um lar para estar junto pode impedir a instauração de laços fortes entre o pai não tutor e seu filho.¹¹

As especificações da moradia marcam a criança e determinam em particular, as relações singulares que ela manterá posteriormente com os lugares habitados.

Ora, as flutuações do mercado imobiliário, as políticas urbanas, os limites financeiros das famílias fazem com que a moradia ocupada não seja nunca – ou muito raramente – a moradia sonhada, mas esta que resulta de compromissos estabelecidos entre diversos compromissos. A estrutura da moradia pesa sobre as condições de socialização da criança: não podemos ignorar que os compromissos relativos à dimensão da moradia, por

¹¹ Ver isto nos trabalhos de Benoît Bastard e Laura Cardia-Vonèche (1994).

exemplo, fazem pesar sobre a organização familiar, sobre a maneira de se comportar juntos e sobre as relações com o exterior.

Mas, a maneira como seus pais vivem os compromissos, se apropriam e qualificam sua moradia, necessariamente imperfeita, fundamentam a primeira experiência residencial da criança. Esta pode ser a discordância entre os cônjuges, freqüentemente portadores de experiências residenciais diferentes, que deixa os traços nas representações residenciais e que forjam os filhos e os comportamentos que eles adotarão quando adultos.

Gilles¹² se lembra também do apartamento em um pequeno imóvel coletivo onde vivia, criança, até o dia em que seu pai, operário da construção civil, resolve construir uma casa para sua família. Erguida sobre uma colina, que ventava muito, esta casa não agradou o jovem garoto. Mas ele se lembra sobretudo da reprovação silenciosa de sua mãe. Ele entendeu muito mais tarde que ela não estava de acordo com esta construção e o quanto ela se sentia isolada nesta casa. Esta recordação marca no presente estes comportamentos e estas escolhas residenciais.

A mudança interior da moradia e os investimentos que são feitos constróem a base prática de um modelo de vida. A vida familiar é antes no cotidiano um conjunto de práticas domésticas. Estas práticas podem refletir projetos subjacentes que lhe dão sentido, mas a criança percebe em primeiro lugar o cotidiano. Neste quadro, se desenvolvem trocas e se instauram as rotinas, mas surgem também momentos particulares que vão alimentar sua memória.

As formas de habitat impregnam as crianças, inculcem preferências ou, ao contrário, repulsões através do micro-clima familiar, pela adoção de modos de vida particulares. Aline cresceu em uma casa perto da floresta, isolada e afastada do centro da cidade. Estas condições impuseram uma lembrança familiar desprazerosa. Ela teve que fazer longos trajetos para ir à escola e a recusa de seus colegas de a visitarem pois ela vivia muito long. Casada e mãe de família, prefere agora morar em um pequeno apartamento em um imóvel coletivo na cidade.

As condições nas quais se instaura a relação entre o domicílio e o lugar de trabalho dos pais são igualmente uma composição importante na

¹² Os materiais biográficos retomados aqui são conclusões de várias pesquisas visando reconstituir as trajetórias familiares, principalmente: *Dire sa vie. Entre travail et famille*, em colaboração com Françoise Battagliola, Michèle Ferrand e Françoise Imbert, (1991) CSU-IRESCO, Paris. *L'accession à la propriété dans le parc social*, em colaboração com Anne Gotman, vol. 1 (1991), vol.2 (1994), Paris Direção da Construção.

experiência residencial da criança. A ausência de fronteiras entre vida profissional e vida familiar confundidas em um mesmo lugar ou, ao contrário, uma grande distância entre o domicílio e os lugares de atividade profissional produzem na criança visões particulares do espaço, as práticas que se inscrevem e não deixam de incidir em seus comportamentos residenciais posteriores.

Segundo que são pouco movimentado ou ao contrário, ritmados pelas mudanças incessantes, os itinerários residenciais participam na singularidade da experiência da criança. No nível biográfico, as variações que subsistem nestes itinerários resultam de causas mais externas ao universo familiar – como o estado do mercado de trabalho, uma mudança de emprego – ou mais internos – o nascimento de uma criança, por exemplo, ou um divórcio. Nestes momentos-chaves de reorganização dos investimentos, as escolhas residenciais são avaliadas, reatualizadas, podendo modificar assim o quadro da socialização infantil.

Incessantes mutações profissionais, por exemplo, que obrigam as famílias a mudar frequentemente, tendo um impacto sobre a socialização das crianças, mas também, sobre a maneira como elas percebem os espaços familiares. Este impacto poderia ser limitado se, para contrabalançar os efeitos de numerosas mudanças, um lugar, ou uma casa, é designada como lugar de referência. Na ausência de um tal lugar, o itinerário pode engendrar uma indiferença nos lugares habitados, ou, ao contrário, o desejo d uma maior sedentariedade.

Seria ainda necessário interrogar sobre o impacto de modos residenciais atípicos – a vida sobre um navio, uma barça, ou uma caravana, que sejam ou não questão profissional – sobre a socialização das crianças e sua experiência residencial.

EXPERIÊNCIAS FAMILIARES E ESTRATÉGIAS RESIDENCIAIS

Não é raro ver ressoar o espaço familiar em vários lugares com os quais mantemos as relações diferentes: por exemplo, relação instrumental na moradia principal e relação lúdica onde se passam as trocas familiares, na casa de campo, dita “secundária”. Os espaços residenciais familiares com as diversas funções que lhe são atribuídas, contribuem assim a incutir disposições particulares às jovens gerações que as mobilizarão mais tarde

quando, a seu tempo, serão confrontadas com os problemas dos lugares a habitar nas condições estruturais que não serão mais as mesmas. Segundo as lembranças que terão, a avaliação *a posteriori* que eles fazem das experiências familiares vividas, a importância de que teria sido transmitida na família e a personalidade dos “que passam a herança”, as crianças transformadas em adultas traduzirão estas disposições residenciais em atos práticos.

Pois não são somente os espaços mais longamente habitados que delimitam um território familiar. O lar dos pais não exclui a existência de outros lugares marcantes. Aqueles onde vivem os avós, principalmente, parecem ter um papel como espaços de referência e na aprendizagem da diversidade dos valores, os modos de vida, as formas familiares. Não é somente entre as famílias que circulam os filhos, mas entre casas e os lugares identificados como familiares porque familiares.

Claire, jamais habitou, oficialmente, outro lugar além dos de seus pais. Mas de fato, pernoitava na casa dos parentes de sua mãe que habitavam em uma pequena cidade próxima. Ela reencontrava seus companheiros de jogo, tios e tias. Sua mãe, filha mais velha de uma família de oito filhos, tinha uma lavanderia e depois de seu casamento com um chofer de táxi não tinha mais tempo para sua filha. Esta então passou toda a sua infância na casa dos avós sem que fosse explicitamente reconhecida.

Esta latitude de uma criança para “escolher” assim o seu lugar de vida implica uma proximidade familiar para que possa ir e vir de maneira autônoma. Entretanto, reencontramos igualmente referências aos lugares de vida diversificados nas famílias onde as crianças fazem a estadia prolongada, por exemplo, quando das férias escolares, a casa de seus avós. Mesmo que organizado, até mesmo decidido pelos pais, estas estadias criam os vínculos de socialização. A “família” não se limita ao lar conjugal, nem mesmo dos ascendentes diretos, mas compreende o conjunto dos lares de família. Falar do espaço residencial, e não simplesmente de moradia, visa precisamente a integrar no espaço familiar de socialização as diferentes ligações marcadas por suas práticas específicas, seus modos de organização e seus vínculos com o ambiente físico e social, aos quais se confronta muito cedo a criança.

Os diversos espaços familiares entram assim em concorrência - e através deles- famílias- e a criança pode aí inscrever suas práticas e aspirações particulares. É este o caso das crianças de pais separados, que são conduzidos conforme os espaços residenciais ocupados por cada pai e a

partilha do tempo entre eles, a misturar uma especificação funcional e simbólica destes espaços.

Mais amplamente ainda, os espaços de referência são também aqueles transmitidos pela memória familiar no título da história da família. Podem ser diferentemente apropriados pelos indivíduos como lugar fundador de sua genealogia e construir os elementos identitários eficazes.

Assim, Monsier Terrenoire¹³ começa a história da sua saga familiar de um lugar místico: - um pequeno moinho de rio que antigamente foi atestado pelos arquivos e que seu bisavô tinha ainda a funcionar, mas que agora cessou toda atividade e serve a residência secundária. Diz querer resgatar este lugar tirado do patrimônio familiar, mas não há ainda nenhum começo de realização concreta. Conduzir tal projeto lhe permite de fato expressar seu pertencimento a uma família que os lugares de vida, todas as identidades em um perímetro reduzido simbolizam, por sua vez, seu trajeto social promocional e seu enraizamento local.

Esta outra família, que deixou a cidade para viver na capital segue, ao contrário, de muito perto as vendas sucessivas e as heranças de bens pertencentes a diversos ramos da família. Mas, não tendo como poder reintegrar no patrimônio as casas que foram vendidas, ela traz seus investimentos financeiros e simbólicos sobre outros bens imobiliários considerados como substituíveis aos bens familiares.

A história da família é assim revezada pelos lugares e as casas inscritas em uma história longa. Quando da construção de uma identidade familiar, enraiza sua legitimidade nos lugares construídos em pequenos espaços, declinar territórios familiares equivalem a declinar sua genealogia.

Os espaços aos quais nos referimos não são sempre apresentados concretamente, e portanto, eles desempenham um papel significativo na maneira que organizamos e avaliamos os acontecimentos de sua própria existência. Lucienne é a filha caçula de uma filha de agricultores. Ela cresceu em uma fazenda confrontada às dificuldades de uma exploração no meio da montanha. Muito jovem, ela se casou com um agricultor vivendo em um vale vizinho que com ela explora uma fazenda familiar dita "no fim do mundo". Sua situação objetiva está ligada às dificuldades do grupo ao qual ela pertence: um grupo em declínio econômico e social. Entretanto, ela se distancia claramente pelas práticas pouco correntes no mundo agrícola.

¹³ Encontraremos um desenvolvimento desta história de família mais completa em Daniel Bertaux e Isabelle Bertaux-Wiame (1988).

Em particular ela tem atividades anexas que lhe permite manter uma rede de relações fora da exploração e de salvaguardar assim uma outra identidade além da esposa de agricultor. Suas estratégias de vida repousam, de fato, em uma particularidade muito valorizada de sua história familiar: uma tradição familiar de migração para os Estados Unidos. Cada geração pode considerar as possibilidade de se inscrever nesta tradição, o caminho e as condições de acolhida lá tendo assegurada pelos migrantes definitivos. Aqueles que emigram temporariamente tem o dever de contar e enriquecer na sua volta, a história familiar franco-americana. Esta referência permanece há muito tempo e determina antes as representações imaginárias que as práticas concretas. Entretanto, para esta mulher, esta via migrante de seu parentesco – trata-se de uma via primogênita da sua linha – tem um papel de referência maior que lhe permite construir um vínculo distanciado com a exploração e com as prováveis residências que aí se ligam ou com a do seu filho.

As mobilizações e as não-mobilizações de famílias em torno dos riscos residenciais colorem principalmente seu clima e sua organização. Os projetos que colocam em prática revelam o modo como elas hierarquizam os diversos elementos do “residencial” e passam a compromissos práticos entre a escolha da localização, do estatuto de ocupação e do tipo de habitat. Por exemplo, os esforços financeiros e a mobilização da mão de obra familiar muitas vezes necessárias à ascensão da propriedade podem entrar em contradição com a conviabilidade que esperamos e que se encontra relegada a segundo plano, porque impedem, por falta de dinheiro e de tempo, outras atividades familiares.

Casado e pai de uma pequena filha, Michel é um homem que se questiona ainda hoje sobre a fundamentação das escolhas residenciais de seus pais. Eles viviam acanhados em uma moradia no centro da cidade, seu pai tinha construído uma casa perto de um campo cultivado. Para realizar o projeto de ter “a casa dos sonhos”, seria necessário afastar-se do centro da cidade. Ele a construiria com a ajuda de seu irmão, trabalhando durante dois anos, todos os finais de semana, e economizando em tudo para pagar o material. A família se instalaria então quando o acabamento interno ainda estava longe do fim. O pesquisador se recorda das tensões que esta situação criou entre seu pai e sua mãe. Ele que sustentava o projeto provou da dureza necessária para a sua realização e pelo fato que, mobilizados pela casa, a família não tinha outra escolha além de sustentar e ajudar o pai. Michel achou que o preço a pagar era às vezes muito penoso. Para ele, esta ascensão à propriedade se fez em detrimento de reais trocas no seio da família. Ele

jura que não fará a mesma escolha se isto fosse em detrimento da qualidade de sua vida familiar. Entretanto, o aspecto negativo da herança residencial é contrabalançada pelas lembranças de uma infância passada a correr pelos campos e bosques. O ambiente, ainda pouco urbanizado, oferecia a vantagem de um vasto terreno de aventura, e este homem se sente atraído por um projeto de vida no campo, sobretudo depois do nascimento de seus filhos.

Certas situações transmitem às crianças uma relação ambivalente com a residência e os investimentos feitos. É o caso das moradias de função que se constituem em escritório para o empregador e então ligadas à atividade profissional dos pais ou de qualquer um dos dois. Seus efeitos de socialização como seus efeitos sobre a vida privada do casal foram pouco estudadas. Os pais de Francis jamais puderam – ou desejaram – separar seu lugar de vida do lugar profissional do pai, administrador de um grande condomínio. A família morava em uma grande casa perto da casa principal dos proprietários deste condomínio, desfrutava de um lugar excepcional e tinha acesso ao conjunto de terras. As crianças cresceram em um meio dos quais os pais, sem direito jurídico algum, tinham entretanto, o sentimento de quase proprietários. Enquanto a situação foi estável, a ilusão perdura. Esta foi brutalmente rompida pelo falecimento acidental do pai. A família teve que deixar o condomínio. As casas logo depois ocupadas não puderam jamais se comparar àquela que as crianças consideravam como sua. A vontade de Francis, agora casado e pai de família, de conseguir comprar uma casa é sustentada pela lembrança da perturbação familiar, perturbação que nunca foi econômica, pois a família não era exatamente pobre. O quadro residencial de sua infância lhe incutiu uma atenção particular, estética, às condições de moradia e contra o que ele se ressentia como uma falha de seu pai na qualidade de responsável por uma família, uma exigência de seguridade em matéria de moradia. Ele multiplica as etapas intermediárias de casas pequenas, acessíveis financeiramente, mas que não ficavam a seu gosto. Esta tática de degrau em degrau (uma moradia para constituir o montante financeiro indispensável à aquisição posterior da moradia sonhada), começada logo após seu casamento, se fundamentava em sua própria existência de criança.

Estas situações, por mais excepcionais que possam ser, evidenciavam uma dimensão particular do processo de socialização que é uma encruzilhada, neste último caso, da socialização infantil e da transmissão da experiência paternal, da familiaridade de um lugar de vida com suas marcas

e a filiação simbolicamente colocada em questão por uma herança residencial “negativa”.

A família pode exercer um efeito de ajuda sobre as novas gerações e influenciar suas trajetórias. A residência é uma propriedade onde a ajuda familiar pode ser particularmente eficaz, quer seja por intermédio de recursos residenciais mobilizados ou da pesquisa de uma proximidade intergeracional. Esta situação bastante clássica, aparece ainda mais nas famílias detentoras de um bem de produção. O escritório dos pais onde o pequeno negócio da família é retomado por um dos descendentes – à menos que este não seja a empresa que busca um herdeiro³ para fazê-la funcionar. A residência se confunde muitas vezes então com o profissional.

É o caso deste antigo agricultor. Ainda jovem, Alain sucedeu a seu pai falecido acidentalmente. Teria portanto desejado abandonar o mundo agrícola e tinha começado os estudos de mecânica com a ambição de vir a ser mecânico – piloto. Seu pai, o encorajava muito, sabendo quanto viver sobre as terras restritas tinha se tornado quase impossível. É o sentido da solidariedade familiar que empurrou este jovem a renunciar a seus projetos profissionais e a ajudar sua mãe e sua irmã mais nova a explorar as suas terras. Entretanto, sua resolução de sair da agricultura só é adiada. Pela sua rede de conhecimentos, não lhe é difícil encontrar uma casa e reformar, com o terreno, por um preço razoável. A partir desta autonomia residencial, com a ajuda de sua mulher, ele orienta sua estratégia em direção às atividades que lhe afastam progressivamente de sua exploração. Ele pode definitivamente abandonar esta atividade quando sua irmã se casa. Ele assume então sua mãe aposentada e se separa da fazenda. Ele transformou o que era antes uma forte vontade em uma posição identitária bem ancorada no ambiente local. Esta posição é considerada graças a mobilização da rede de conhecimentos que lhe permitiu encontrar uma casa e mais tarde um trabalho assalariado.

A força da ajuda familiar passa pela intensidade do sentimento de obrigação intergeracional e de solidariedade, mas ela é tanto mais forte que se exprime através de um bem carregado de significações fortes, simbólicas e sociais, uma casa onde vivemos e que simboliza a perenidade familiar.

Este quadro superior pode mensurar o poder desta ajuda familiar. Pela sua trajetória, Marcel se afastou de seus pais, modestos empregados, mas se aproximou de seu avô, engenheiro como ele e que considerava como seu verdadeiro avô. Filho único, ele tinha sido muitas vezes convidado a passar as férias ou finais de semana na casa de campo que possuíam em um grande

bairro nos arredores parisienses de sua avó e seu segundo marido, de um status social nitidamente superior a do seu primeiro marido. Residência secundária, ela não era menos que o lugar central das reuniões da família. No momento do falecimento de seu avô, quando havia acabado de alugar um apartamento em um belo imóvel moderno, lhe fez tomar rapidamente uma decisão sobre o assunto da casa de campo do qual ele era o único herdeiro. Em uma semana, ele deixa seu apartamento, compra um carro para fazer o trajeto cotidiano entre seu novo domicílio e seu trabalho e se instala na casa que “herdou”. Esta escolha é menos que pelo valor comercial da casa herdada que o apego particular deste homem a este lugar que era também de sua infância e que simbolizava, por sua vez, o apego afetivo que tinha por seus avós e a posição social que eles ocupavam e que ele aspira ocupar.

A “ajuda familiar” frequentemente associada à propriedade de um bem de produção, é uma das manifestações dos vínculos familiares que se expressam através do residencial, mas revelam os reflexos significativos que podem pesar sobre as trajetórias das relações que conservam as famílias em seu espaço de vida. Este efeito de ajuda acompanha muitas vezes um efeito de enraizamento que induz um sentimento de pertencimento e participa da construção identitária do indivíduo.

ESTRATÉGIAS RESIDENCIAIS E CONSTRUÇÃO DO FAMILIAR

Porque o residencial mobiliza as solidariedades familiares, concretiza a existência dos vínculos de família. As estratégias residenciais participam da construção do familiar. Nas últimas décadas, a desvalorização matrimonial como ato fundamental da vida conjugal, os contratempos do mercado imobiliário e as medidas incitativas de acesso à propriedade tem por outro lado colocado o residencial no coração das mobilizações familiares. O investimento em uma moradia, sob forma de acesso à propriedade ou mesmo a assinatura a dois de um contrato de locação, é uma decisão que une o casal. Quando a vida a dois é vista como uma situação de evolução dos sentimentos amorosos pode a qualquer momento colocar em questão o residencial, tornando-se este o sinal de um engajamento conjugal mais firme. É também a materialização de um projeto familiar.

O mesmo que a constituição de uma família mobiliza o casal em torno das questões residenciais – “uma casa agora que temos um filho” – chegar à uma habitação satisfatória conforta a existência de um projeto familiar – “um filho (ou mais) agora que temos uma casa (ou um apartamento)”.

Catherine sempre morou com seu marido, em uma moradia integrada aos meios rurais do qual ele era diretor. Quando ele tornou-se responsável pelo departamento, ela exige abandonar a moradia da sua função, gratuita, e comprar uma casa situada em outro bairro. Para esta mudança, ela redefine as fronteiras entre vida privada e vida profissional. Ela se sente, no entanto, mais motivada a fazer alguma coisa, tendo obtido um trabalho de secretariado, auxiliando profissionalmente seu marido na direção deste instituto. A casa torna-se a linguagem simbólica pelo qual ela reafirmou um projeto familiar e faz pressionar seu marido para que ele se volte assim para a família, por intermédio de uma autonomia residencial, a posição social que adquiriu através de sua carreira profissional.

Efeito de solidariedade mais que efeito de ajuda, os recursos residenciais que a família dispõe podem ser objeto de mobilizações pelos seus membros, particularmente nos recursos familiares, nas ocasiões de orientar sua trajetória em uma certa direção. Assim, este artesão pedreiro só tomou uma decisão após ter recebido um casarão que, na divisão familiar, ficou abandonado. Ele reforma o imóvel principal para fazer dele sua moradia e a granja vizinha para aí instalar seu escritório. Sem esta oportunidade que o traz a seu lugar de origem, o casal teria continuado a viver na cidade. De fato, vir a habitar neste povoado, apresentava alguns riscos, principalmente, para a jovem mulher, o abandono de uma atividade remunerada e autônoma. Agora, ela auxilia seu marido ao atender o telefone, em preparar as notas fiscais e, até mesmo, em auxiliá-lo a concluir obras.

Entretanto, aí se instalando, o casal não estava em lugar desconhecido. O pai da jovem mulher é um agricultor conhecido e estimado do local. Uma parte dos parentes residem em um lugarejo vizinho. De fato, o casal tenta sua chance apoiando-se sobre os seus familiares e em uma rede de relações conhecidas.

Em matéria residencial, estas formas de ajuda familiar são múltiplas. Da inserção social para uma localização próxima da família até a ajuda financeira para a ascensão à propriedade de uma moradia, elas têm muitas vezes como essenciais à realização de um projeto que confortam na prática os vínculos familiares de interdependência. Este jovem casal encontrou sua

primeira moradia graças à persistência de parentes do jovem marido que, habitando em um imóvel coletivo (HLM), puderam se beneficiar de seus bons conhecimentos nas inscrições de moradias. A ajuda familiar para este outro casal, já tendo dois filhos, consistiu em encontrar uma casa em bom estado, por um preço razoável, próximo da família da jovem esposa. Os pais dela puderam explorar as possibilidades melhor que eles mesmos, pois já estavam no lugar. No momento da compra, eles completaram a soma inicial já economizada pelo casal. Estas ajudas não foram sempre no mesmo sentido, pois a solidariedade intervém igualmente para parentes mais velhos. Esta jovem mulher alugou um apartamento no mesmo imóvel que eles, por que sua mãe não podia mais ficar sozinha, muito isolada. Trazendo-a para partilhar a mesma moradia, ela resolveu o problema desencadeado pela idade e reatou os laços que durante um tempo estiveram um pouco abandonados.

Entretanto, há famílias onde a questão residencial esta no centro das preocupações e das trocas familiares. Esta fez um verdadeiro sistema. A primeira moradia autônoma de Bernard teria sido inicialmente alugado por sua mãe. Quando ele necessitou de um cômodo a mais, trocou com o apartamento de um primo, que havia divorciado e desejava regressar ao centro da cidade em um apartamento menor. Quando a administradora dos imóveis propõe a seus pais comprar um apartamento de três quartos, eles aceitam esta oferta pois, casado e agora pai de dois filhos ele queria um lugar para morar. Bernard retoma então, mas em ascensão à propriedade desta vez, o apartamento ocupado por seus pais, os quais alugaram um de dois quartos, que lhes era mais conveniente. Eles dispõem de um pequeno apartamento na Côte d'Azur e intencionam, agora que eles têm um aposentadoria e não tem mais filhos para cuidar, de aí permanecer vários meses do ano. Assim circulam as moradias, reabastecendo na passagem a força dos laços de família.

Se as solidariedades intergeracionais podem apoiar os projetos e sustentar as estratégias residenciais, aquelas que, em certos casos, respondem à uma vontade de achar um lugar que pensamos ter perdido no seio das relações de parentesco e de assegurar uma certa posição social. Assim um dos pesquisados encontrado descreve sua mudança de atitude em relação à sua moradia. Paul cuidava até aqui de uma relação funcional com um apartamento que ele não tinha escolhido. Ele tinha procurado, sem sucesso, se beneficiar de uma das moradias situadas em um edifício antigo, mas charmoso, que sua empresa dispunha. Decepcionado, ele não mudou

seu apartamento popular que ele tinha, apenas colocou algumas prateleiras para a biblioteca. Sua esposa tinha igualmente uma relação bastante funcional com este apartamento que ela não gostava. Isto não a afetava em nada, pois seus interesses eram voltados às atividades externas. Mesmo após o nascimento da filha, ela estava contente. Só não seu marido. Contrariamente à sua mulher que vinha de uma família modesta, Paul se sentia socialmente mal perda com relação à sua própria família. Alugar um apartamento em um imóvel coletivo de moradias sociais só realça seu status junto a sua família. Quando a administradora de imóveis propõe aos locatários de lhes vender o apartamento que eles ocupam, este homem tem consciência de até que ponto a etiqueta de “moradia social” pesou sobre suas práticas domésticas. O fato de ter guardado outras referências residenciais lhe proibia de fazer qualquer coisa em uma habitação e a distância tomada a seu ver era só falsa indiferença pois, ao contrário de sua mulher, o lugar de vida cotidiana lhe importava muito. Ela repensa então seu ponto de vista, legitima sua decisão de comprar um apartamento que nunca havia gostado pelas qualidades funcionais e começa a renovar completamente criando os espaços especializados para as atividades precisas e para cada um: sua filha terá assim, graças a uma cama no alto, um espaço para brincar maior, ele e sua mulher, os escritórios bem arrumados e individualizados, bibliotecas e os armários de organização. Nada é pensado pela sociabilidade pois o risco desta moradia é estritamente limitado às trocas no interior do grupo e restrita à vida privada familiar.

Se o seu ponto de vista sobre sua moradia muda, é também porque Paul pode considerar como um espaço privado e atribuir uma significação social à um outro lugar. De fato, simultaneamente à oferta de venda do apartamento coletivo, ele herda uma soma modesta mas suficiente para encarar a compra de uma residência secundária que será um lugar de sociabilidade onde os amigos e parentes serão convidados sem que ele seja obrigado, neste quadro “rústico” a se esforçar muito. Assim se dá a possibilidade, através de sua dupla posição residencial, de restaurar a estima familiar que tinha o sentimento e ter perdido na carreira profissional, considerada como marginal pelo seu pai. E, se ele motiva a escolha do povoado onde compra esta casa pelo fato de se tratar de um “belo lugar” podemos assim notar que esta “bela região” é aquela onde seus avós viveram por muito tempo e onde ele reencontra suas raízes, sua posição social da qual ele se sentia excluído.

As configurações familiares são estreitamente ligadas às configurações residenciais, que são também o resultado dos riscos familiares e sociais reinterpretados pelos indivíduos: projeto residencial e projeto familiar se constroem mutuamente.

A construção familiar do residencial mobiliza as solidariedades intergeracionais, o passado familiar e o modo com os quais ele constitui uma matriz de práticas e de sentidos. A heterogeneidade das configurações residenciais só é parcialmente o fato de diferenças sócio-econômicas. As estratégias adotadas dependentes da vantagem do jogo entre o nível dos recursos imediatamente mobilizados pela família conjugal ou o domiciliar, os outros capitais familiares e os modelos residenciais de referência. Estes podem ser reproduzidos, rejeitados ou adiados. Pois todos os herdeiros não tem a mesma capacidade operatória para a geração hereditária. Eles produzem as atitudes diferenciadas que, por sua vez, criam as condições de produção particulares de identidade familiar e social. O residencial é então uma verdadeira linguagem familiar.

A intervenção familiar na paisagem residencial é só um dos elementos da construção familiar do social. A família não é somente um agente de sua própria reprodução mas um ator nos processos de mudança social. Assim, o campo profissional é também, o objeto de lógicas familiares. Estas são também colocadas em um processo de escolarização de jovens gerações através dos investimentos parentais, como o são em todas as dimensões que constituem as existências sociais.

Mas geralmente, posições sociais dos indivíduos que são familiarmente construídos: pela socialização mútua das gerações, pelos processos de transmissão entre as gerações, pelos elos de solidariedade que fazem da família ampliada uma rede de posições sociais, diversificadas ou homogêneas, e dispondo de recurso mobilizáveis, e então a ausência constitui uma deficiência material como sobre o plano simbólico.

Assim, as relações familiares, dimensão particular das relações sociais, participam na formação da paisagem social através das interações e as trocas onde são também produtos.

BIBLIOGRAFIA

- ANSELME, Michel (1988), "Les réseaux familiaux dans le parc HLM", in C. Bonvalet e P. Merlin (dir.), *Transformation de la famille et habitat*, Paris, INED-DREIF-IDEF, Trabalhos e Documentos, Caderno nº 120, pp. 181-187.
- BASTARD, Benoit, Laura VONECHE, Catherine GUILLOT e Isabelle SAYN (1994), *Enfants, parents, séparation. Des lieux d'accueil pour l'exercice du droit de visite et d'hébergement*, Paris, Fundação da França.
- BATTAGLIOLA, Françoise, Isabelle BERTAUX-WIANE, Michèle FERRAND e Françoise IMBERT (1991), *Dire sa vie. Entre travail et famille*, Paris, CSU-IRESCO.
- BERTAUX, Daniel Isabelle BERTAUX-WIANE (1998), "Le patrimoine et la lignée : transmissions et mobilité sociale sur cinq générations", *Life Stories/Récits de vie*, nº 4, Paris, Casa das Ciências do Homem, pp.8-26.
- BERTAUX-WIANE, Isabelle (1991), "La force de rappel des liens familiaux. Rapports intergénérationnels et trajectoires familiales", in B. Bawin-Legros e J. Kellerhals (dir.), *Relations Intergénérationnelles*, AISLF, Universidade de Liège, pp. 185-196.
- BERTAUX-WIANE, Isabelle (1992), "Dynamiques intergénérationnelles et status résidentiels", in G. Pronovost (dir.), *Comprendre la famille*, Sillery, Presses da Universidade de Québec, pp. 481-499.
- BONVALET, Catherine et Pierre MERLIN (dir.) (1988), *Transformation de la famille et habitat*, Paris, INED-DREIF-IDEF, Trabalhos e Documentos, Caderno nº 120.
- BONVALET, Catherine et Eva LELIÉVRE (1998), "La mobilité résidentielle en France depuis 1945: bilan résidentiel d'une génération", *Population*, nº 3, pp.531-560.
- BONVALET, Catherine et Anne-Marie FRIBOURG (dir.) (1990), *Stratégies résidentielles*, Congrès et Colloques, nº 2, Paris, INED-PCA-MELTM.
- BONVALET, Catherine (1991), "La famille et le marché du logement: une logique cachée", in M. Segalen, *Jeux de familles*, Paris, Presses du CNRS, pp. 57-77.
- BONVALET, Catherine et Anne GOTMAN (dir.), *Le Logement, une affaire de famille*, Paris, L'Hamattan.
- BONVALET, Catherine, Dominique MAISON, Hervé LE BRAS et Lionel CHARLES, (1993), "Proches et parents", *Population*, nº 1, pp.83-110.
- BONVALET, Catherine (dir.) (1994), *Longements, mobilité et populations urbaines*, Pir-Villes, Paris, CNRS- edição.
- BUISSON, Monique et Jea-Claude MERMET (1990), "Divorce, logement et espace domestique", in C. Bonvalet et A. M. Fribourg (dir.), *Stratégies résidentielles*, Congrès et Colloques, nº 2, Paris, INED-PCA-MELTM, pp. 258-263.
- BUISSON, Monique et Françoise BLOCH (1992), "Prendre soin de ses petits-enfants, c'est donner, recevoir et rendre", *Revue internationale d'action communautaire*, 28/68, ed. Saint Martin, Montreal, pp.15-27.
- CAPDEVILLE, Jacques (1986), *Le Fétichisme du patrimoine*, Paris, Presses de la Fondation nationale des sciences politiques.

Isabele Bertaux Wiame

- CUTURELLO, Paul (1987), *Les "Nouveaux Castors"*, Nice, GERM-CRECOM.
- DECHAUX, Jean-Hugues (1990), "Les échanges économiques au sein de la parentèle", Paris, *Sociologie du travail*, n° 1, pp.77-94.
- ERNAUX, Annie (1974), *Les Annoires vides*, Paris, Gallimard.
- FESTY, Patrick (1990), "Mobilité résidentielle des femmes séparées: une étape dans le cycle familial", in C. Bonnalet et A. M. Fribourg (dir.), *Stratégies résidentielles*, Congrès et Colloques, n° 2, Paris, INED-PCA-MELTM, pp. 231-252.
- GOTMAN, Anne (1988), "L'héritier et le commis voyageur, Transmission et héritage de la maison de famille", in M. Ségalen, *Jeux de familles*, Paris, Presses du CNRS, pp. 173-192.
- GOTMAN, Anne et Isabelle BERTAUX-WIANE (1991-1994), *L'accession à la propriété dans le parc social*, 2. vol, Paris, Direção da Construção.
- GRAFMEYER, Yves (1990), "Solidarités intergénérationnelles dans l'accession au parc locatif privé lyonnais", in C. Bonnalet et A. M. Fribourg (dir.), *Stratégies résidentielles*, Congrès et Colloques, n°2, Paris, INED-PCA-MELTM.
- GRAFMEYER, Yves (1991), *Habiter Lyon*, Lyon, Edições do CNRS.
- LAFERRÈRE, Anne (1990), *Successions et héritiers*, Paris, INSEE, Cadrage, n° 4.
- LEFAUCHEUR, Nadine (1987), *Les Familles monoparentales: une catégorie spécifique ?*, Paris, Plan-Construction.
- LE GALL, Didier et Claude MARTIN (1991), *Composer avec le logement. Recomposition familiale et usage de l'espace domestique*, Université de Caen-PCA.
- MAISON, Dominique (1993), "Effect d'alliance et transmission différée dans le rapport à la propriété et à l'habitat", in C. Bonnalet et A. Gotman (dir), *Le Logement, une affaire de famille*, Paris, L'Harmattan.
- MAISON, DOMINIQUE (1984), "Pionniers de l'accession", *Les Annales de la recherche urbaine*, n° 65, Paris, Pan urbain, pp. 46-54.
- PINCON, Michel et Monique PINCON-CHARLOT (1989), *Dans les beaux quartiers*, Paris, Seuil.
- TAFFIN, Claude (1987) "L'accession à tout prix", *Économie & Statistique*, n° 202, setembro, pp. 5-15.
- TAFFIN, Claude (1991), "Accession : l'ancien réhabilité", *Économie & Statistique*, n° 6 240, fevereiro, p. 5-18.
- TOPALOV, Christian (1987), *Le Logement en France. Histoire d'une marchandise impossible*, Paris, Presses de la Fondation nationale des sciences politiques.
- VILLENEUVE-GOKALP Catherine (1994), "Après la separation : conséquences de la rupture et avenir conjugal", in H. Léridon et Catherine Villeneuve-Gokalp (dir.), *Constance et inconstances de la famille*, Paris, INED, Trabalho e Documentos, n° 134.